

MÁRIO DIONÍSIO, UM POETA VISUAL

STÉLIO FURLAN*

RESUMO

A partir da leitura de *Autobiografia*, de Mário Dionísio pretende-se refletir sobre sua atividade poética, injustamente esquecida por conta da relevância dos seus ensaios críticos, e evidenciar como dialoga com o seu tempo. Também aborda-se, num segundo momento do artigo, a importância de sua reflexão crítica sobre outros artistas, como, por exemplo, Jorge Amado, no âmbito das relações literárias luso-brasileiras.

PALAVRAS-CHAVE: Mário Dionísio; poesia; literatura portuguesa moderna; relações luso-brasileiras; Jorge Amado.

Canta, poeta, canta!
Ensina a cada alma a sua rebeldia.
(MIGUEL TORGA)

*Imago animi sermo est*¹

Poesia, discreta alegria do mundo.
A miséria passou em todas as almas e venceu nos rostos uma profunda ruga de tristeza. Há em todos uma dor infinita.
Tuas olheiras roxas e os ombros caídos serão a medida exata desta palavra, angústia. Do fundo dos teus olhos veio-me a certeza de um mundo ainda sem palavras, sem luz, perdemo-nos no meio do deserto.
E, quando perdida por não ser vida olhando para a vida, com olheiras roxas, molhada de fadiga; quando teus dedos me secarem a fonte

* Professor da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil.

E-mail: steliofurlan@gmail.com

¹ “A palavra é a imagem da alma”, Sêneca.

do cansaço da luta, que não seja nunca para me indicar paragem, mas sempre recomeço.

Um grito chicoteou o silêncio, fez-nos estremecer até a medula dos ossos.

Um sopro de esperança cimentou o solo.

Da ferida nasce uma palavra, delicada assonância, brisa lume nos cabelos... Agora, já não andamos a gritar no meio das trevas. Agora temos um caminho. E a chaga que me inquieta deixará de sangrar, e deixarei que o sol me inunde bem os olhos.

Um dia uma onda de amor invadirá tudo e todos. E será uma primavera diferente de todas as primaveras, porque ainda não foram inventadas as palavras para exprimi-la...

(Que faz aqui esta saudade em pleno dia?

Onde canta este pássaro que ainda não há na tela.

Que bela manhã de nevoeiro para ser infeliz em companhia. Passar a mão num muro ou numa face, a cor é o verde, sujos de tinta os dedos ponho no próprio sonho).

As tuas mãos vieram cheias de terra das raízes... na vida em marcha, nas mãos estendidas... em toda a vibração com a boca rasgada numa canção e futuro nas plantações cobertas de girassóis e de papoulas, no topo dos tratores pulverizando a terra. Vejo-te bela com os cabelos ao vento, sem um talvez, perfeita, mãe de homens novos, de rosto calmo e olhos firmes, a caminho da vida, na descoberta constante.

E foi então que chegou o minuto de todos os minutos... A cabeça desligou-se para sonhos impossíveis. Um ser diáfano e ao mesmo tempo impreciso, a cabeça nas estrelas, lágrimas de gelo, e o gelo como brasa. A cabeça desceu em vertigens nas nuvens.

As tuas mãos vieram cheias de terra das raízes e aspergiram-me todo. Todos os pulmões se abriram ao olfacto da terra húmida, terra de partida e de regresso, terra...

Uma vida nova começa nesse instante, agora que dum gesto alcançamos a terra seremos enfim, nosso próprio poema. (DIONÍSIO, 2016a).

A presente recolha de fragmentos de poemas diversos de Mário Dionísio (doravante M.D.) justificar-se-ia enquanto homenagem ao poeta

do *Novo Cancioneiro*, que bem soube atualizar a palavra cantada para dizer os rumores de um dos mais sombrios momentos da humanidade, os medos do século XX. Para fruir seus versos e compreender o lugar de onde eles surgem, realizei uma operação de recorte e *collage*, procedimento caro à arte moderna, princípio construtivo surreal por excelência e prática inventiva que lhe é muito familiar.

Trata-se de uma recolha de momentos que me instigaram, fizeram germinar a comoção poética. Colhi versos onde os percebi ganhar fulgência, esplendor. *Nil nove sub sole*. Conforme a arte de trovar medieval a essa modalidade de composição se nomeava centão, prática construtiva que encontrou em *Antropofagias* de Herberto Helder o seu maior cultor e escultor. Antropofágica e vertiginosa, a alta Poesia de invenção se exhibe nos seus poemas mudados, experimentais.

Do crítico literário, teórico da arte, artista plástico e militante, sabe-se mais. Pouca atenção se deu ao poeta M.D., geralmente considerado o principal animador do movimento neorrealista, e por conta disso a obra do teórico fez muitas vezes esquecer o poeta e o ficcionista. M.D. animou um esforço conjunto de aproximar a arte e o público. Exemplo disso é a notável, e talvez insuperável, *A Paleta e o Mundo* ([Vol. I, 1956; Vol. II 1962] 1973), constituída por uma série de reflexões sobre a arte moderna, uma das suas contribuições mais notáveis. Poeta e ficcionista empenhado, acolheu, na sua obra, o espírito de modernidade e as revoluções linguísticas e narrativas da arte contemporânea.

Contar a minha vida. Sempre que me falam nisso, imagino-me sentado num banco de cozinha, com um grosso camisolão, ombros caídos, a olhar por uma janela alta e estreita o que ela deixa ver da floresta. Alguém deixou um pequeno machado na pequena clareira em frente da janela. Andarão a rachar lenha. Grandes aves esvoaçam lá por fora, não muito alto de certo. E, além disso, o silêncio do que não volta mais. (DIONÍSIO, 1987)

São essas as palavras de abertura de *Autobiografia*, de M.D. publicada pela editora *O Jornal*, sediada na emblemática rua lisboeta, a Avenida da Liberdade. Escrita aos 71 anos de idade, M.D. se debruça sobre o vivido.

Recolhe biografemas e, com escrita fluida, em tom de oralidade, narra certos pormenores concretos de uma vida. A sua vida. E o que lemos em sua autobiografia, menos do que diário ou correspondência, é um vigoroso testemunho de um teórico e crítico literário, que também era poeta, artista plástico, romancista, professor de Letras. Um homem que acreditou na Arte a serviço dos grandes fins. Na literatura como missão. Na prática crítica como ação onde se enlaçam ética, estética e política e, portanto, um instrumento de intervenção e de consciencialização. Não lemos tão somente uma narrativa sobre seduções, utopias, paixões, desencantos. Mas também, e sobretudo, conhecemos toda uma rede de relações, um corpo de agentes engajado, uma militância, um tempo. Um pequeno livro, decerto, porém capaz de testemunhar uma vida, toda uma rede de relações, uma historicidade. Essas páginas do vivido se iniciam com uma reflexão sobre sua própria condição de possibilidade. Ou com a

[...] suspeita (uma quase certeza) de que contar a nossa vida é impossível. Por isso, à ideia de lembrar o que vivi e como, corrirei a meter-me na pele de um qualquer em que mal me reconheço. É o que se chama atropelamento e fuga. (DIONÍSIO, 1987, p. 5).

M.D. nasceu em 1916, em tempos de primeira guerra mundial. Por ser órfão de combatente pode fazer o seu curso universitário sem pagar propinas², com bom aproveitamento. Pouco refere sobre a sua família:

Sem pai aos onze anos (tinha ele trinta e quatro), sem avô paterno aos quinze (o materno já lá ia há muito), sem mãe aos dezassete (tinha ela trinta e oito), vivendo depois com uma avó atingida por doença mental, que uns tios haviam de levar para sua casa, longe, cedo me vi completamente só, cercado pelos tais lobos do homem, aliás excelentemente engravatados, os pequenos, melífluos sorrisos, mão rapace. (DIONÍSIO, 1987, p. 10).

Antes, a narrativa concentra-se nas relações e intervenções académicas. Dentre os pormenores concretos que dão textura a uma vida destaca

² Termo indica, em Portugal, as taxas universitárias.

que, na antiga Faculdade de Letras, em Lisboa, foi o primeiro a pronunciar em sessão pública o nome de Fernando Pessoa:

Bem antes, pois, de nascer e se espalhar por esse mundo fora o culto “pessoano”, a que nos sentimos hoje todos obrigados, no duplo sentido da palavra. Estava-se em 1938 e era um trabalho bem modesto, apressado, superficial, uma pretensa introdução à leitura de “Ode Marítima. (DIONÍSIO, 1987, p. 7).

Desnecessário notar que este é o mais longo poema de Pessoa, e que se converteu em um padrão da modernidade estética lusa, e que ainda hoje é um dos mais polêmicos e ousados já escritos. Difícil falar desse texto feito para *epatér le bourgeois*, causar espécie, fazer do escândalo uma forma de intervenção na Cultura.

Li o quanto pude e com muita atenção a obra completa de M.D., sempre incompleta - em paralelo com sua autobiografia, artigos, ensaios, fotobiografemas, correspondências, todas escritas de si, entre si. A primeira leitura causou espécie pela poetização da banalidade da vida. Prepondera o gosto pelo prosaico, menos no sentido pejorativo do termo, mas como atenção voltada à efemeridade da vida. À captação desses momentos evanescentes, menos no sentido de alumbramento, revelação, transcendência, dir-se-ia uma atenção dada aos seus momentos mais insignificantes, porque aí acredita repousar pequenos recortes do mundo ou, em sentido menos lato, quadros que testemunham seu tempo e o seu país. Como escreve em *Autobiografia*³, cumpre “analisar, estudar com tempo, iluminar intensamente, mas num campo restrito, pequenos casos do dia-a-dia, aparentemente insignificantes, que podem, contudo, ser os grandes casos da nossa vida nacional” (DIONÍSIO, 1987, p. 10). De certo modo se aproxima das palavras de Joyce, usadas em *Stephen Hero*, de 1944, uma recolha de momentos triviais que lhe pareçam significativos. Entenda-se por epifania, nas palavras de Joyce, uma súbita manifestação espiritual, presente quer na banalidade da fala ou do gesto quer num estado memorável da própria mente. Na sua

³ Disponível em: <http://www.centromariodionisio.org/autobiografia_mariodionisio.php>. Acesso em: 12 out. 2017.

opinião, cabia ao homem de letras registrar estas epifanias com um cuidado extremo, visto tratarem-se dos mais delicados e evanescentes dos momentos.

Causam espécie, pelo olhar voltado para os tipos que visitam sua poesia, todos sem pátria, sem lar, sem amor, bêbados, maltrapilhos, errantes pelo mundo, versos como fotografamas de tantas vidas em pedaços repartida. E, de repente, aquela contenção e concisão medida para condensar o mundo inteiro num só verso, num só pingo de verniz. Discreta alegria do mundo.

M.D. possui uma obra de largo fôlego poético. “Essa tragédia tão vulgar”⁴, poema que selecionamos para análise, veio a público em Coimbra, publicado pela Atlântida, em 1945:

Oh mulher das mãos gretadas
Como era brando o ar que te fechava os olhos e soprava
o teu cabelo e o teu vestido
Como o teu coração batia espavorido aos passos dele
ao fim da rua
E como os dedos dele eram ingênuos e tremiam
também
nesse ontem esfiapado na distância
E a casa e a casa e casar e a casa
como uma asa
levíssima roçando
a doce pele dos quinze anos
Mas agora
ele adormece à mesa tão cansado
todas as noites tão cansado e infeliz
e tu estás sempre séria com os ombros caídos
e tens as mãos gretadas⁴

Não seria forçoso afirmar que o poema ressuma um ideário, que a relevância dada aos tipos sociais que compõem uma multidão de despossuídos é evidência da adesão ao realismo socialista. Mas não só. Convém não esquecer

⁴ Ver DIONÍSIO, Mário. *Poesia Incompleta*. 2. ed. Com reedição integral de Poemas. Lisboa: Publicações Europa-América, 1982. p. 108. (Col. Obras de Mário Dionísio n. 1). Disponível em: <http://www.centromariodionisio.org/poesia_inc_2ed.php>. Acesso em: 22 set. 2017.

que essa poesia traz a sombra dos mestres que lhe guiaram na juventude, em especial António Nobre, Fernando Pessoa e Álvaro de Campos, de quem absorve o versilibrismo, o gosto pelas anáforas, as rimas internas, o tom hiperbólico, impulsivo, a ousadia de quem se permite a máxima aderência à vida.

Nas palavras de Gaspar Simões, o que nos fica não é a imagem de um homem fazendo gestos para que o vejam: é a imagem de uma alma se-gredando aos outros qualquer coisa impossível de calar. E nisso comparticipa de uma rede de afinidades, dentre os mais próximos vale mencionar Portinari, Ferreira de Castro e os amigos Alves Redol e Jorge Amado.

Trata-se de uma poesia atenta ao vasto rumor discursivo que o circun-da. Se M.D. está atento ao que o rodeia, às incertas e vacilantes oscilações do seu espírito; se há momentos de desalento em relação ao empenho prescrito, também sente a atração pelo insólito, em especial a partir da década de 1950. Causam certo espanto passagens como “um ser diáfano e ao mesmo impreciso”, “tuas mãos vieram cheias de terra das raízes e aspergiram-me todo. Todos os pulmões se abriram ao olfato da terra húmida, terra de partida e de regresso, terra...”, tão avessas ao que escrevera na década de 1940, à época do seu ativismo nas publicações do *Novo Cancioneiro*, coleção de divulgação do neorrealismo português. Distanciada da poesia engajada, de estilo comprometido, quase heroicamente panfletário, M.D. se abre aos “sonhos despertos”.

Riso Dissonante (1950), título de um de seus livros, traduz essa inflexão. Essa tomada de posição para suplementar o dado, a rigor, é uma característica de M.D. Já o havia feito ao problematizar teoricamente o neorrealismo e inovando-o ao trazê-lo para o espaço urbano. A ficção urbana engajada, no seu caso, que parte da representação de tipos oriundos, na falta de expressão melhor, do proletariado explorado, é a sua contribuição à renovação do movimento. Acrescente-se, como poeta de tendência visualista, o seu questionamento de um realismo como reflexo especular do vivido, contra a tentativa da reprodução fotográfica do real. Entre o pintor e o mundo, há a paleta que o transforma, modela. Como escreve em “A propósito de Jorge Amado”, em 1937, o verdadeiro dá as coisas tal e tal, sim, mas só o consegue porque usou meios, processos, técnicas, que deformaram em vez de fotografarem.

M.D., se revela um escritor com tendência visualista. Autoexplicativo é o artigo publicado na revista *Colóquio/Letras*, em 1983, sob título “Literatura e pintura: um velho equívoco”: afinidades entre linguagens intrinsecamente diferentes, quadros que inspiraram a criação de personagens e poemas, são os assuntos desse artigo no qual sublinha o quanto o texto literário e o texto visual andam meio por meio. Daí a escolha de um texto publicado na *Orpheu*, a qual, nas palavras de Almada Negreiros, “faz o segundo encontro português das letras e da pintura”. (DIONÍSIO, 1983, p. 7).

Quanto às dissonâncias, melhor, tomadas de posição, leia-se o que declara em *Autobiografia*:

É necessário lembrar a minha contribuição para a formação e amadurecimento do neo-realismo? São dezenas (?) de artigos, crônicas, palestras. É sobretudo *A Paleta e o Mundo*, obra porventura mais citada que estudada e (nem todos o terão visto) essencialmente polémica. Ponto decisivo, creio, da chamada “polêmica do neo-realismo”. Embora concebida muito antes, *A Paleta e o Mundo* começou a ser escrita em 52, ‘quando ao autor pareceu indispensável afirmar publicamente a sua completa discordância de certas teses sobre criação estética, função social da arte, realismo, que então se estavam generalizando com um furor dogmático assaz deturpador de todo o pensamento crítico que aparentemente as inspirava’.⁶

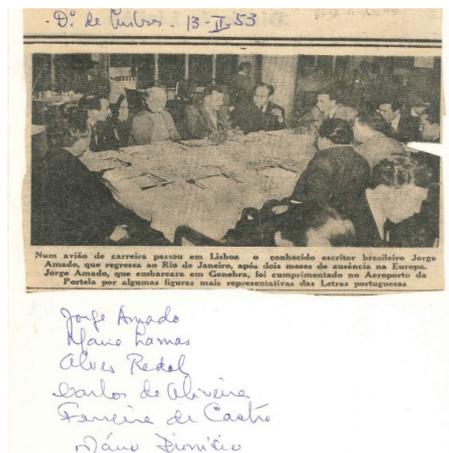
Avesso à falta de liberdade de expressão e às imposições de um pensamento único, escreveu em sua autobiografia: “Ver com os próprios olhos”, assim justifica a sua inflexão político-ideológica. Curioso notar que, a exemplo do ex-deputado pelo Partido Comunista brasileiro, Jorge Amado, também se desilude e se afasta do partido (PC) na década de 1950. O depoimento do primeiro-secretário Nikita Kruschew, em 1956, surpreendeu a elite soviética ao denunciar a brutalidade e abuso de poder de Stálin (segundo ele, 70% do Comitê Central do PC foram executados). Essa denúncia vinda à tona desapontou muitos militantes e é provável que tenha contribuído para reafirmar a sua decisão de optar por uma via independente:

[...] não mudou de campo, não abjurou, não passou a ter uma posição oposta à que tivera, não atacou nunca as ideias (porque continuava a

professá-las) nem as organizações que foram as suas durante muitos anos. Mário Dionísio continua a ser durante toda a sua vida, mesmo nos períodos de desalento dos últimos anos, um “comunista militante”, embora tivesse deixado de ser militante do Partido Comunista. Tudo o que disse, tudo o que escreveu o testemunha claramente.⁵

M.D. afasta-se da militância política para melhor se dedicar à arte da escrita, à pintura e à docência, embora permaneça atuante numa comunidade avessa ao regime de cunho fascista que suprimia a liberdade de expressão e a democracia e punha os resistentes na clandestinidade sobre severa vigilância. Melhor exemplo não há que a recepção a Jorge Amado no aeroporto de Lisboa em 1953. O escritor brasileiro havia escrito a Ferreira de Castro informando-o da chegada a Lisboa. Ferreira de Castro deve ter acionado seus companheiros e dado início à articulação para o jantar. Importa, acima de tudo, evidenciar as afinidades de pensamento entre eles, e talvez nenhuma ideia melhor se aplique aqui do que a ideia de rede, rede de linhas que se entrecruzam, nas palavras de Ítalo Calvino.

FIGURA 1: JANTAR DE JORGE AMADO COM ESCRITORES PORTUGUESES



Fonte: DIONÍSIO, 2016.

⁵ BASTO, Ludgero Pinto. Mário Dionísio, o cidadão. Disponível em: <http://www.centromariodionisio.org/ludgero_basto.php>. Acesso em: 29 set. 2017.

Na foto do jantar do aeroporto, em perspectiva, está Jorge Amado. Salvo Maria Lamas, todos os convivas parecem estar com os olhos fixos em Jorge, parecem ouvi-lo com muita atenção. Sentado à mesa, não seria difícil imaginar como Jorge Amado seria visto pelos seus pares. Retornado de Praha onde fora receber o Prêmio Internacional Stálin da Paz⁶, autor de livros apreendidos, destruídos (embora restassem edições clandestinas), um autor de livros que circulavam de cela em cela, às vezes com páginas manuscritas, ou vendidos, com todas as precauções possíveis, a preços exorbitantes.⁷

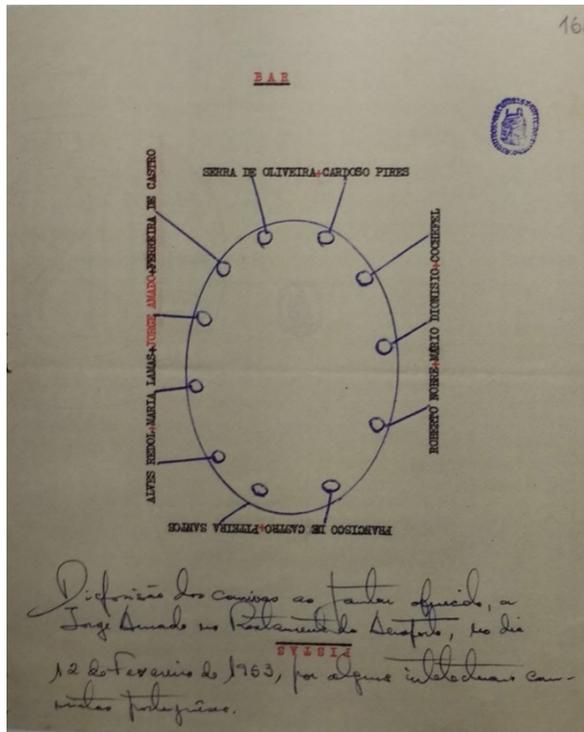
É preciso seguir investigando a constituição dessa trama, por certo, todos os nomes implicados, mas, por ora, interessa afirmar que se trata de um encontro luso-brasileiro decisivo na biografia de Jorge Amado, e um momento de grande relevância para uma comunidade que até então estava na clandestinidade. Jorge Amado estava em Moscou, para receber um dos tantos prêmios que colecionou na vida, escreve a Ferreira de Castro e agenda um encontro no aeroporto de Lisboa, pois estava impedido de entrar no país pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) português, e acabou por ser recepcionado por um grupo de intelectuais e escritores da época. É curioso notar que o relatório da PIDE continha um croqui com a disposição dos lugares dos convivas à mesa (DIONÍSIO, 2016b). Nele

⁶ Não poderíamos deixar de mencionar uma curiosidade a respeito desse prêmio. Com a derrocada de Stálin, houve a alteração para Prêmio Lenine da Paz. Ocorre que a comissão organizadora encaminha nova medalha para Jorge solicitando a devolução da anterior. Em *Navegação de cabotagem* (2012), Jorge ignora a solicitação e comenta que prêmio dado não deve ser devolvido.

⁷ Significativo é o depoimento de Luandino Vieira sobre o modo como conseguiu *Os Subterrâneos da Liberdade*, de Jorge Amado, em 1954. Ao retornar a casa, Luandino conta ter passado numa livraria e o livreiro mostrou-lhe, com as precauções devidas, os três volumes de *Os Subterrâneos da Liberdade*, edição brasileira recém-lançada, recebida e vendida por valores estratosféricos por vias sigilosas. Com entusiasmo, Luandino pergunta o preço e descobre que não tem sequer a metade do valor. Mas pede que os reserve, pois faria um empréstimo. Eis que depara em seu caminho com um banco de sangue aberto no hospital. Sem vacilar, vende sangue bastante para completar o pagamento dos volumes dos *Subterrâneos*. Jorge lembra as suas palavras: – “Paguei com meu sangue a leitura de teus livros, meu irmão” (AMADO, 2012).

se registra que “num avião da Companhia KLM, vindo de Gênève, com destino ao Rio de Janeiro, passou por Lisboa, cerca das 20 horas, o conhecido intelectual comunista brasileiro Jorge Amado. Este indivíduo que se demorou apenas uma hora no aeroporto desta cidade foi cumprimentado por um conhecido grupo de intelectuais portugueses, da extrema-esquerda, que em seguida lhe ofereceram um jantar no Salão Restaurante daquele aeroporto.”

FIGURA 2: CROQUI COM A DISPOSIÇÃO DOS LUGARES À MESA



Fonte: Dionísio, 2016.

O nosso olhar de imediato se concentra em Jorge Amado entre Maria Lamas e Ferreira de Castro. E, defronte a Jorge Amado, no outro lado da mesa, a indicação da posição de Mário Dionísio, entre Roberto Nobre

e João José Cochofel. Caberia indagar sobre essa disposição, pois ela não nos parece fortuita, sobretudo se consideramos que ali estavam reunidos os olhares do cineasta, do romancista, do ilustrador, do fotógrafo.... É como se houvesse uma certa ordem de importância nessa disposição. Eles sabiam da repercussão desse encontro, por certo. A respeito, Jorge Amado comenta:

Admiro-me com a quantidade de fotografos, acionam as câmaras sem parar, insistindo em registrar todas as presenças, comento com Alves Redol:
– Muitos fotografos, hein...
– Um é nosso, os outros são da PIDE – me explica.
(AMADO, 2012, p. 201)

Dentre as “figuras mais representativas das Letras portuguesas”, como os poetas são reconhecidos em artigo publicado no *Diário de Lisboa*, em 13 de fevereiro de 1953, encontra-se o pintor M.D.

Comoventes são as palavras bem-ditas de Isabel da Nóbrega, na descrição do perfil de M.D, por certo:

Se numa roda de amigos ou de alunos se pedisse, à laia de jogo, a definição da pessoa de Mário Dionísio através de uma única palavra, ouviríamos de cada vez e vez: o rigor; o mestre; a disponibilidade; a generosidade; a atenção; a reflexão; o pedagogo; a camaradagem; a exigência – isto é, o rigor, outra vez. O amor das coisas simples. Guiar, por exemplo. Tarde teve carro, era visível o prazer de conduzi-lo. Nalguns verões ganhou pequenas áreas de jardim em redor das casas escolhidas. Sorrindo, deambulava entre os canteiros, apontava-nos os tufos de flores radiantes entre a folhagem. Curioso, que nessa unidade nunca dissolvida coubesse o escritor, o poeta, o ensaísta, o crítico, o crítico de arte, o pintor.⁸

Interessa-nos, porém, como M.D. lê Jorge Amado e a amizade por correspondência que se iniciou entre os dois e se manteve ativa. Antes,

⁸ Em *Não há Morte nem Princípio: a propósito da vida e obra de Mário Dionísio*. Lisboa: CML - Biblioteca-Museu República e Resistência, 1996. Disponível em: <http://centromariodionisio.org/isabel_nobrega.php>. Acesso em : 26 dez. 2017.

diga-se de passagem, é importante situar o escritor português como crítico no panorama cultural da época. A revista *Seara Nova*, em nota na seção “Factos e Documentos”, refere em março de 1929 as críticas de Mário Dionísio, publicados no *Diabo*, dando-nos uma gratíssima impressão de seu espírito crítico verdadeiro, feito de clareza e de bom senso, de coerência, de lucidez. Com efeito, M.D. abraçou a prática crítica como se aí repousasse a sua missão, criticar “passou a ser o meu dever, a minha obrigação, a atividade número um, a minha canga” (DIONÍSIO, 2017), afirma em sua autobiografia.

Em M.D., resume António Pedro Pita, o trabalho do poeta e pintor e o do crítico e ensaísta implicam-se um no outro, como se a reflexão deste aclarasse e tornasse consciente aquilo que, naquele, é um caos que quer ganhar forma. E foi a consciência muito viva da responsabilidade do artista como artista que fez de Mário Dionísio o mais relevante teórico do neorrealismo português e um dos mais importantes teóricos do século XX (PITA, 2017, p. 7). Dentre os trabalhos publicados no *O Diabo*, mencionados no elogioso artigo da *Seara Nova*, podemos referir o longo estudo crítico intitulado “A propósito de Jorge Amado”, publicado em três partes, em 14, 21 de novembro e 03 de dezembro de 1937. A segunda parte termina de forma provocadora: “A contradição é realmente a fonte da afirmação”. No recorte, a teoria já se revela. Primeiramente, apela para um pensamento dialético a fim de instigar uma negação, seguida de um questionamento que pede uma tomada de posição. Apresenta um novo olhar, que se quer dialético sobre um ponto de vista cristalizado, para desconstruí-lo. Eis como nos enreda nas malhas de sua argumentação. Noutras palavras, trata-se de contradizer o modo como então se lia (ou não se lia) Jorge Amado no intuito de afirmar a premente necessidade de uma literatura, menos como delicioso passatempo, ou também isso, mas, sobretudo afirmar a síntese de ética, estética e política. É isso que o motiva. Daí não ocultar o seu encantamento

⁹ A segunda parte de 1937 foi republicada no livro *Entre palavras e cores alguns dispersos 1937-1990*. Lisboa: Casa da Achada, Livros Cotovia, 2009. O texto encontra-se da p. 5-12. Disponível em: <<http://www.centromariodionisio.org/edicoes.php>>. Acesso em: 24 set. 2017.

pelo autor de *Jubiabá*, o qual tinha, à época da crítica publicada, 25 anos e cinco livros publicados. O arremate da primeira parte de seu estudo é, inegavelmente, convincente: “o que nos interessa em Jorge Amado, independentemente dos casos que nos apresenta, é a sua gradual compreensão do realismo”. É o mote para a segunda parte desse ensaio.

É preciso dizer que, nesse contexto, por *realismo* M.D. compreende uma literatura impregnada pela “noção da exploração do homem pelo homem” (DIONÍSIO, 2009, p. 9), aliás, tema obsedante na sua própria textualidade, em Jorge Amado e também em José Saramago, outro escritor que muito nos interessa. Mas o que importa ao crítico português repousa na capacidade de Jorge Amado representar o movimento dialético da vida, a brasilidade dos personagens, dos ambientes e da linguagem, a potencialidade de universalizar conflitos morais e materiais postos em cena, enfim, o entrosamento entre lirismo e prosa.¹⁰

A “expressão constante de ricos e pobres” (2009, p. 11), como escreve M.D., é a medula da sua leitura sobre a obra de Jorge Amado. É, primeiramente nos romances *Cacau* (1933) e *Suor* (1934), os quais, para o crítico, formariam a primeira fase da literatura de Jorge Amado, que Dionísio encontra a expressão por excelência dessa noção, e acrescenta que, “em ambos nota-se que o autor partiu da política para chegar aos homens”. Entretanto, não cede à simples laudação, antes aponta senões, a saber, são romances que repousam na “noção do panfletarismo, do combate”. Porém, M.D. identifica uma transição na obra do autor na publicação de *Jubiabá*, pela Livraria José Olympio Editora, em 1935. Leia-se:

Jorge Amado foi neste livro ao fundo do homem. Todo o romance, feito afinal dum conjunto de romances, feito de vida, é a análise do homem desnordeado, do homem-tipo, da nossa época, que procura

¹⁰ Há dois estudos a respeito que vale a pena mencionar: Jorge Amado, nos espólios dos neorrealistas portugueses, de João Marques Lopes, e Romance em transformação, de Luís Bueno. Ver a respeito 100 anos de Jorge Amado, o escritor, Portugal e o Neorrealismo. Organizado por Vania Pinheiro Chaves e Patrícia Monteiro. Lisboa: CLEPUL, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28697/1/100%20anos%20de%20Jorge%20Amado.pdf>>.

um rumo, um homem vergado ao peso de milhentos problemas, que procura nortear-se e caminhar, caminhar sempre.¹¹

Diferentemente dos dois livros mencionados acima, segundo M.D., é em *Jubiabá* que os personagens ganham maior densidade psicológica, uma vez que ultrapassam a condição de meros “figurinos” e passam “a viver por si”. Aliás, a expressão já havia sido usada por Jorge, conforme se lê em *Navegação de Cabotagem*: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei (2012). E sabemos que isso remete a uma das polêmicas luso-brasileiras de maior repercussão, envolvendo Machado de Assis e Eça de Queirós, a respeito da Luísa, personagem de Eça de Queirós.¹² Ao avançar na leitura sobre o conjunto da obra então publicada, M.D. propõe que *Mar Morto* marca sua definitiva conquista do realismo, alcançando a verdadeira noção construtiva da obra de arte: menos um panfleto, *Mar morto* é um romance. E mais: “o estilo chegou aqui a um perfeito equilíbrio”, “não encontrei, em romance nosso, tanto poder de criar ambientes”.

¹¹ Esta passagem nos remete às palavras de António Pedro Pita (2016), no artigo “Mário Dionísio e o realismo como problema”, no Catálogo à Exposição Mario Dionísio – Passageiro Clandestino (2016). À sua vez, também constata um ponto de inflexão na textualidade de Jorge Amado: “o real não é somente o que está ao alcance da nossa mão, da nossa vista, é também o que está ao alcance do nosso espírito. É uma noção verdadeiramente estruturante do pensamento de Dionísio. Encontramo-la logo no primeiro artigo sobre Jorge Amado, em 1937 e permanece viva no seu espírito e na sua reflexão, como verdadeiro fio condutor de uma definição problemática. Constitui a linha de demarcação entre o realismo naturalista de fundamento positivista e as novas concessões do realismo: nem se retoma a antiga concepção de objetividade (somente o que está ao alcance da nossa mão e da nossa vista) nem se continua o ponto de partida dos chamados “modernos”, em arte (só o que está ao alcance do nosso espírito). Um novo conceito de real fundirá, “sintetizará” o velho conceito de objetivismo e já o velho conceito de subjetivismo.”

¹² Escrevi sobre essa questão em minha tese de doutoramento intitulada Machado de Assis o crítico: seduções e desencantos, premiada pelo Ministério da Cultura, em 2001. O estudo foi retomado e suplementado em *De Desdêmona a Capitu: Machado lê Shakespeare*. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/issue/view/2399>>. Acesso em: 27 set. 2017.

Com a argumentação de que *Mar Morto* aflora o que considera essencial numa obra de arte, “o otimismo, isto é, a consciência da realidade humana e suas possibilidades”, conclui.

Na terceira parte do ensaio publicado no *O Diabo*, ao lançar um breve olhar ao sexto romance de Jorge Amado, *Capitães da Areia*, M.D. assinala a emergência de uma literatura nova, pujante e destaca as palavras de pórtico desse romance:

Para fazer esses meus romances (que podem ter todos os defeitos, mas que têm uma qualidade: a absoluta honestidade do autor) eu fui procurar o povo, fui viver com ele, desde a minha infância nas fazendas de cacau, a minha adolescência nos cafés da capital, as minhas viagens através de todo o Estado, cortando-o nas mais diversas conduções, ouvindo e vendo a mais bela e estranha das humanidades do Brasil. (AMADO apud DIONÍSIO, 1937c)

Trata-se, em suma, de dar visibilidade a uma literatura como missão, ou como testemunho. Não há literatura que seja válida sem estudo, uma observação da condição humana.

Mesmo que brevemente, comento ainda M.D. e Jorge Amado, amigos por correspondência. Antes de rumar para a conclusão deste artigo sobre o poeta e crítico M.D. e a rede de relações na qual se insere, cumpre registrar que minha reflexão resulta da pesquisa pós-doutoral¹³ intitulada *Mário Dionísio, Jorge Amado e Saramago; amizades por correspondência*. Como hipótese de leitura consideramos que as cartas são um espaço textual privilegiado, importantes receptáculos de subjetividade, ou se quisermos, páginas de um verdadeiro diário íntimo que se estabelece como um código de intimidade e/ou necessidade de interação entre indivíduos que se encontram distantes. Nesse sentido, busquei pensar, a partir da escrita epistolar (e outros vestígios do vivido), rastros prenhes de vivências, escritos-testemunhos de seus autores no mundo, que revelam a constituição

¹³ Realizada em 2017 junto ao PPG Estudos de Literatura, do Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, sob supervisão da Profa. Dra. Ida Alves, à qual também agradeço a primeira leitura deste artigo e contribuições críticas.

de uma comunidade de leitores *interessados*, uma maneira de se (re)ler o espaço circundante com persepctiva auto(oto)biográfica. No caso da correspondência aqui abordada, um ponto também de interesse foi pensar as relações literárias luso-brasileiras em meados do século XX. Assim, termino este estudo com um fotograma de 1966 e uma carta de 1982.

FIGURA 3 - M.D. E JORGE AMADO



Fonte: Fundação José Saramago, Lisboa.

Disponível em: <<https://www.josesaramago.org/>>.

Toda imagem é uma narrativa, escreve Roland Barthes. Vê-se o encontro de M.D. com Jorge Amado, em 1966, numa recepção ao autor de *Mar morto*. O *punctum*, o que mais me punge de imediato, afora os sorrisos, é a proximidade entre eles. Dir-se-ia que estão de mãos dadas. Trajam fatos (paletós) sóbrios, bem ajustados. Mário Dionísio de largo sorriso; Jorge sorri mais com os olhos. A foto em preto e branco deixa adivinhar o calor de uma proximidade, afetuosa, em resumo. É possível que essa imagem tenha sido registrada por Zélia, companheira de Jorge, com uma Leica comprada na União Soviética em uma de suas tantas viagens a Moscou, ou uma Nikon, adquirida em Paris.

Uma carta pode se transformar em algo extraordinário. Especialmente se é possível inferir a partir de algumas poucas palavras datiloscritas

um argumento histórico. Uma vívida e profunda relação de amizade entre dois fortes escritores de língua portuguesa. Jorge, nos idos dos anos noventa, certamente com a letra e a voz embargada, redige uma carta que bem diz os seus mais sinceros sentimentos pela morte do amigo e lhe pinta um perfeito retrato, resumo de uma vida:

Como vou dizer, e aos vossos, de nossa tristeza e de nossa solidariedade, minha e de Zélia, nesta hora de dor? As palavras não bastam. Mário foi um homem exemplar, um intelectual da mais alta grandeza e da maior dignidade, cidadão de pensamento e ação sempre justos e corretos, amigo perfeito, grande figura de Portugal. Inesquecível. Sua memória viverá conosco, seu exemplo é nossa herança.

A carta é datada do dia 26 de novembro de 1993, com o timbre da Academia Brasileira de Letras, postada em Paris e destinada à esposa de M.D., Sra. Maria Letícia. Imagino Jorge Amado, nesse momento de escrita, a pensar em Diana Dionísio, a neta do amigo que partira, que tão gostosamente o abraçara no dia do lançamento de *Tocaia Grande*, em Lisboa.

Afetos entrelaçados por mútua admiração, relação de amizade alimentada pela crença na dimensão ideológica e social do texto literário enquanto meio de intervenção e de conscientização, paixão partilhada pela escrita luso-brasileira, enfim.

.....

MÁRIO DIONÍSIO, A VISUAL POET

ABSTRACT

From the reading of *Autobiografia*, by Mario Dionísio, it is intended to reflect on his poetic activity, unjustly forgotten because of the relevance of his critical essays, and evidence how he dialogues with his time. The article also discusses the importance of his critical reflection on other artists, such as Jorge Amado, in the context of Portuguese-Brazilian literary relations.

KEYWORDS: Mario Dionísio; poetry; modern Portuguese literature; Portuguese-Brazilian relations; Jorge Amado.

MÁRIO DIONÍSIO, UN POETA VISUAL

RESUMEN

A partir de la lectura de Autobiografía, de Mario Dionisio se pretende reflexionar sobre su actividad poética, injustamente olvidada por la relevancia de sus ensayos críticos, y evidenciar cómo dialoga con su tiempo. También se aborda, en un segundo momento del artículo, la importancia de su reflexión crítica sobre otros artistas, como, por ejemplo, Jorge Amado, en el ámbito de las relaciones literarias luso-brasileñas.

Palabras clave: Mário Dionisio; poesía; literatura portuguesa moderna; relaciones luso-brasileñas; Jorge Amado.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge; SARAMAGO, José. *Com o mar por meio: uma amizade em cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

_____. *Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

CHAVES, Vania Pinheiro; MONTEIRO, Patrícia. *100 anos de Jorge Amado, o escritor, Portugal e o Neorrealismo*. Lisboa: CLEPUL, 2015.

DIONÍSIO, Mário. A propósito de Jorge Amado – I. *O Diabo*, Lisboa, n. 164, 14 nov. 1937a.

_____. A propósito de Jorge Amado – II. *O Diabo*, Lisboa, n. 165, 21 nov. 1937b.

_____. A propósito de Jorge Amado – III. *O Diabo*, Lisboa, n. 166, 3 dez. 1937c.

_____. *O riso dissonante*. Lisboa: Centro Bibliográfico, 1950. (Col. *Cancioneiro Geral* n. 4). Disponível em: <http://www.centromariodionisio.org/o_ribo_dissonante.php>. Acesso em: 31 dez. 2017.

_____. *A paleta e o mundo* (Vol. I, 1956; Vol. II 1962). Lisboa: Publicações Europa-América, 1973. (Col. *Obras de Mário Dionísio*; Vol. 1 e 5).

_____. *Poesia incompleta*. 2. ed. Com a reedição integral de *Poemas*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1982. (Col. de obras de Mário Dionísio, n. 1). Disponível em: <http://www.centromariodionisio.org/poesia_inc_2ed.php>. Acesso em: 26 set. 2017.

_____. Literatura e pintura: um velho equívoco? *Revista Colóquio/Letras*, n. 71, p. 5-15, jan. 1983. Disponível em: <coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=71&p=5&o=p>. Acesso em: 31 dez. 2017.

_____. *Autobiografia*. Lisboa: O Jornal, 1987. (Col. Autobiografias, n. 3). Disponível em: <http://www.centromariodionisio.org/autobiografia_mariodionisio.php>. Acesso em: 26 set. 2017.

_____. *Entre palavras e cores alguns dispersos 1937-1990*. Lisboa: Casa da Achada, Livros Cotovia, 2009. p. 5-12.

_____. *Poesia completa*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2016a.

_____. *Passageiro clandestino: Mário Dionísio 100 Anos*. Portugal: [s.n.], 2017. Catálogo de exposição, 14 mai. 2016 - 26 fev. 2017, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Museu do Neorealismo, 2016b.

JOYCE, James. *Epifanias*. Tradução Piero Eyben. São Paulo: Iluminuras, 2012.

NOBREGA, Isabel da. In: Eduarda Diniz e João Mário Mascarenhas (Org.). Catálogo do Ciclo de conferências *Não há Morte nem Princípio - a propósito da vida e obra de Mário Dionísio*. Lisboa: CNL - Biblioteca-Museu República e Resistência, 1996.

PITA, António Pedro. Mário Dionísio e o realismo como problema. In: DIONÍSIO, Mário. *Passageiro Clandestino: Mário Dionísio 100 Anos*. Portugal: [s.n.], 2017. Catálogo de exposição, 14 maio - 26 fev. 2017, Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, Museu do Neorealismo, 2016.

Submetido em 30 de agosto de 2017

Aceito em 11 de novembro de 2017

Publicado em 26 de janeiro de 2018
